

ENCONTREI ... Viva!

Feliz, encontrei carta num arquivo antigo. CARTA AO LULA é agora um texto histórico que lhe enviei ao em 2002 logo após ter sido eleito presidente. Vejam como eu via a situação e disse a ele. Acho que vou lhe reenviar uma cópia! Tenho outra carta que enviei à Dilma na mesma circunstância. Como deixei a filiação partidária há mais de 35 anos tornei-me o equivalente político a um morador de rua, rrsrs.

" -- Presidente Lula, escute-nos!

Sua eleição no dia 27 de outubro de 2002 poderá passar à história do Brasil como o contraponto popular ao que representou 1964, confirmando três grandes momentos democráticos nacionais: independência, abolição e república. Para este prognóstico não falhar é preciso que o presidente Lula interprete bem os traiçoeiros acontecimentos, com a credibilidade, inteligência e sensibilidade política que tem. Governar é função complexa, haja em vista que grandes lideranças têm cometido erros fatais ao longo da história, e nem tudo depende delas, evidentemente. O grande sentimento nacional hoje é a conquista de cidadania plena, a se traduzir em qualidade de vida, equidade, liberdade e independência. A maioria dos brasileiros acreditou numa revolução pelo voto, quando fez ecoar por todo o território nacional o grito “agora é Lula”, vencendo a campanha do medo. O PT tem o mérito de ter possibilitado este momento, mas a maioria dos eleitores opta em não filiar-se a partidos. Votou no imaginário político construído durante décadas, agora personificado no Lula, e vai criticar o governo Lula e o PT, no intuito de viabilizá-lo, pois esta rebelião é sagrada. Como na Seleção Brasileira de Futebol ao se perder dois jogos seguidos a torcida via e exige mudanças, esquecendo-se fácil das vitórias anteriores. Infelizmente, o “já ganhamos” de verdade só daqui alguns profícuos anos, pois os riscos de retrocesso são da natureza do processo. Não conhecemos exemplo de transformação social com distribuição de renda e da propriedade sem reação interna e externa – o que é muito natural.

Não se governa sem a alegria e a energia indomáveis do povo, nem este se substitui pela inércia das instâncias burocráticas. Os acordos entre partidos não esgotam a democracia, a questão da governabilidade e o leque de participação. Milhões contribuíram para este dia memorável, e não podem deixar escapar a vitória das mãos. Comumente a sociedade é cassada ao fecharem-se as urnas e só é procurada às vésperas da eleição seguinte, obrigada a escolher entre os nomes colocados pelos partidos, que detêm legalmente o monopólio da política, que deveria ser atividade inerente aos cidadãos livres. Isto tornou-se ilegítimo, pois caducou, não refletindo o avanço da sociedade. Na representação política não se delega tudo. O cidadão e a militância social não delegam seus direitos à participação direta, ou de ocuparem cargos públicos em todos os escalões. Por que não?

Mudar o Brasil significa priorizar os indicadores sociais na tomada de decisões, o que só pode acontecer com uma política econômica bem sucedida. Caso contrário se socializará a penúria. Lula terá ainda de cuidar bem da política internacional, envenenada pelo intervencionismo bélico e protecionismo comercial liderado pelos EUA. Para tudo isso serão necessárias alianças bem definidas e amplas, que garantam os interesses nacionais e dos trabalhadores, de modo a avançar o processo sem o que o povo se sentirá traído. A situação é complexa, pois Lula precisará consolidar politicamente seu governo, obter resultados sociais, na produção, nas finanças, nas exportações, além de esvaziar paulatinamente o sistema da especulação financeira.

Há grandes problemas nos amontoados urbanos, onde a população enfrenta a violência, o desemprego e as péssimas condições habitacionais. No campo, a reforma agrária será um desafio político e conceitual. Sem viabilizar uma política agrícola e de produção animal que reverta o processo de empobrecimento da economia familiar rural a reforma agrária ficará na contramão, assentada nos cofres públicos e na burocracia. Ela tem urgência política e social, mas também esse condicionamento econômico e político. Talvez seja o primeiro desafio quanto à unidade política dos setores populares. O presidente não pode perder o comando do processo político. Terá que manter a iniciativa e sua autoridade, pois a partir de agora o tempo correrá na conta do presidente Lula e dos que o elegemos. Precisamos ter uma estratégia sólida de longo prazo, tendo muito carinho com o "general tempo" e com a coesão da população em torno do novo projeto político. A situação não irá melhorar rapidamente e por decreto, e requer nova postura do aparelho de estado e dos partidos face a sociedade. É necessário institucionalizar mecanismos de escuta verdadeiros junto aos movimentos sociais e cidadãos, como uma Ouvidoria Geral da República politicamente forte, com status de Ministério, que classifique o que o povo está dizendo e divulgue para promover o debate e que o próprio presidente fale freqüentemente à Nação sobre o que está sendo dito nas ruas, sem intermediários. A escuta do povo não pode ser intermediada pelo PT, por razões óbvias. O governo Lula é nosso, de todos nós, ou não será. Não pode ser exclusivamente de tendências do PT, dos partidos da aliança vencedora, dos deputados, prefeitos e governadores, ou desta e daquela região. Ele tem dimensões internacionais, e queiramos ou não, seu sucesso ou desastre atingirá nossas vidas e as próximas gerações. Que Lula não exclua, nem permita que excluam os sem partidos, a militância social, as lideranças independentes do seu governo."

Apolo Heringer Lisboa - BH

Professor da Faculdade de Medicina da UFMG, escritor e ambientalista, idealizador do Projeto Manuelzão, foi vice-presidente da UNE, exilado político e co-fundador do PT.

apololisboa@gmail.com